

Alan B. Pieratt, *O Dedo de Deus ou os Chifres do Diabo?: Um estudo dos sinais e maravilhas na igreja atual*, Trad. **Robinson Malkomes**, (São Paulo: Edições Vida Nova, 1994), 246 pp.

A obra de Pieratt, que é dirigida ao povo "evangélico" — subentende-se aqui os "protestantes" e "pentecostais" (p. 23) — é sem dúvida nenhuma um trabalho abrangente, rico de informações e perspectivas, feito com esmero e competência, que deve não apenas ser lido mas, também, estudado. O autor, que passou mais de um ano elaborando este livro (p.11), admite ter mudado de opinião durante a redação do mesmo, sendo portanto um estudioso que não julga ter respostas prontas para todas as questões (p. 10-11).

O autor se identifica como "protestante" (p.133, 141); é sem dúvida conservador, crendo na soberania de Deus (p. 173), na segunda vinda de Cristo (p. 176), e procura fazer uma análise que julga bíblica (p. 140), entendendo que Deus é honrado quando nos propomos a estudar com seriedade a sua Palavra e os seus feitos (p. 10).

Ele parte do pressuposto de que a nossa experiência individual não se constitui num critério de verdade para julgar o que Deus "pode estar fazendo ou deixando de fazer em sua igreja" (p. 16, 22).

O livro conta com uma bibliografia apreciável, ainda que surpreendentemente não inclua os livros de J. I. Packer (*Na Dinâmica do Espírito*), de Frederick Bruner (*Teologia do Espírito Santo*) e especialmente de Richard Trench (*Notes on The Miracles of Our Lord*). Mais de 25% do livro são dedicados às notas de rodapé, as quais em geral são relevantes e esclarecedoras, concedendo crédito a quem de direito; o fato a lamentar é que elas se encontram no final do livro, dificultando assim ao leitor a verificação do seu conteúdo.

Consideremos agora, alguns aspectos de livro. O autor usou título "*o Dedo de Deus ou os Chifres do Diabo*" por entender que, conforme a perspectiva de cada um, "protestante" ou "pentecostal", os "sinais e maravilhas" serão considerados obra de Deus (Cf. Ex 8.19; 31.18; Sl 8.3 Mt 12.28; Lc 11.20) ou do diabo. (p. 9, 24, 142,143, 198 [nota 130], 225 [nota 296]).

O assunto sobre o qual o autor versa pode ser resumido na pergunta: "são legítimos os sinais e maravilhas relatados em segmentos da igreja da atualidade, isto é, têm eles origem no Espírito de Deus?" (p. 16). O trabalho de Pieratt parte da constatação de que "a questão dos sinais e maravilhas entre o povo de Deus" gerou uma cisão de grande monta no protestantismo (p. 9, 45). A partir daí, ele se propõe a interpretar os argumentos de cada grupo, avaliá-los e dar o seu parecer.

A *tese principal* do autor é desenvolvida a partir da compreensão de que na igreja atual a falta de humildade é tão visível quanto (ou até mais do que) a falta de fé; e de que "por causa da multiforme atuação do Espírito na distribuição dos dons, sempre haverá, e sempre precisará haver, diferentes igrejas com diferentes distintivos" (p.173). Partindo destes pressupostos, o autor sustenta: "Minha fé na soberania que Deus exerce para distribuir dons e milagres segundo lhe apraz deve-se fazer acompanhar por uma mente humilde que não julgue aqueles que têm, ou deixam de ter, dons ou experiências diferentes dos meus." (p. 173; ver também p. 140).

Quanto ao *propósito* do livro, o autor se propõe a entender "com mente aberta" os argumentos dos "protestantes" e dos "pentecostais" a respeito dos "sinais e maravilhas", identificando "os julgamentos que atuam no nível das pressuposições inconscientes" (p. 22), fornecendo "percepções bíblicas e históricas" (p. 24) a fim de poder tirar suas próprias conclusões (p. 10,24). Considerando que os dois grupos não tem simpatia para com a posição do outro (p. 46), deseja que através desta análise cada leitor seja conduzido a uma postura de maior compreensão para com o ponto de vista do irmão (p. 173).

O livro é dividido em sete capítulos e dois apêndices: No *primeiro capítulo*, o autor procura demonstrar que os protestantes e pentecostais modelam a sua interpretação bíblica e histórica a partir de sua cosmovisão (Pieratt é protestante, mas não se encaixa no modelo dado); aqui, ele define operacionalmente o *milagre* como sendo "a intervenção proposital e visível de Deus no mundo para provocar um efeito ou um fato." (p. 13) e "*sinais e maravilhas*", como "qualquer manifestação visível ou palpável [audível, não?] do poder ou da presença do Espírito de Deus" (p. 13). Aqui o autor admite que muito do que hoje é denominado de "sinais e maravilhas" não se coaduna com o descrito nas Escrituras, por isso, ele acrescenta:

- Essa definição é muito mais abrangente do que a aplicação que a Bíblia confere ao termo. Ali ele aparece associado com a operação de milagres, ao passo que hoje se relaciona com manifestações espirituais, incluindo-se cura, línguas, profecia, aparecimento de dente de ouro, etc. Hoje, nos meios populares, quase todas as manifestações emocionais intensas que surgem numa situação de culto recebem essa expressão como rótulo... (p. 13-14).

Deste modo, ele parte do pressuposto de que muito do que é vivenciado hoje no meio pentecostal não é bíblico.

No *segundo capítulo*, o autor analisa o pensamento de Calvino — a quem considera, pelo menos nesta questão, uma espécie de precursor de Hume (p. 133,134,170) — e Lutero, o qual, segundo o autor, espiritualizou os milagres (p. 31, 187 [notas 42 e 43]).

Pieratt, faz então, uma comparação que nos parece infeliz, entre o "brilhante ateu" Hume (que pode ser melhor compreendido como "cético" ou "agnóstico") e Calvino, alegando que ambos negam os milagres contemporâneos com base na "experiência" (p. 33) e que as conclusões de Calvino não se respaldaram "unicamente na exegese da Bíblia", sendo acima de tudo, um julgamento *a priori* (p. 133-134). Isto é ir longe demais com a leitura de apenas algumas passagens de Calvino.

No *terceiro capítulo*, Pieratt considera os milagres bíblicos, analisando a sua distribuição, mostrando que estes não estão restritos aos três períodos de Moisés e Josué, de Elias e Eliseu e de Jesus e dos apóstolos, ainda que haja uma concentração maior nestes épocas; avalia também o propósito e características dos milagres, comparando-os com os alegados milagres contemporâneos. E conclui que "o registro bíblico coincide com a experiência dos sinais e maravilhas nos dias de hoje, incluindo uma ampla série de fenômenos espirituais" (p. 81).

No *quarto capítulo*, o autor analisa os testemunhos históricos acerca de milagres, deixando-nos por um instante num vácuo interpretativo, mostrando com uma boa dose

de razão, que

- qualquer análise que utilize alegações históricas como parte do argumento, é importante reconhecer o fato de que podemos dar à história a forma que mais nos agrada ... os argumentos revelam que nossas experiências e pressupostos afetam não somente nossa teologia, mas também a visão que temos da história (p. 100).

Pierrat conclui depois que "o estudo da história é útil para essa análise, mesmo que seja pela única razão de que ajuda a esclarecer nossas opiniões limitadas e a subjetividade de nossas experiências particulares" (p. 102).

No *capítulo cinco*, Pierrat toma a história de Êxodo oito — quando Moisés confrontou-se com os magos — como "*protótipo da interpretação bíblica do elemento miraculoso*" (p. 24), concluindo que não se pode estabelecer limites para Deus em sua concessão de dons e, também, que os sinais e maravilhas apesar de terem assumido modernamente um significado extremo, constituem-se em "acessórios ou coadjutores para o culto e o trabalho. Se presentes, devem ser usados; se ausentes, a obra de Deus não fica prejudicada" (p. 171).

No *sexto capítulo*, considerando que "o aspecto externo de um milagre não apresenta nenhum indício de sua origem" (p. 160), fornece seis critérios para distinguir os milagres genuínos dos falsos. Temos aqui um capítulo lúcido, que oferece um esboço bastante orientador.

No *capítulo sete*, o autor faz um resumo do livro e fornece algumas conclusões, onde a sua tese central já demonstrada acima, está inserida (p. 173). No *apêndice A* é sugerida uma interpretação de 1 Coríntios 13.8-10, mostrando que a expressão "o que é perfeito" refere-se à segunda vinda de Cristo ou ao fim dessa era (p. 176). No *Apêndice B* fala sobre a vida e obra de alguns curandeiros, concluindo que "somos obrigados a admitir que existe certa dose de mistério. Apesar dos avanços no conhecimento, há muita coisa que não compreendemos sobre o mundo natural e sobre a natureza humana" (p. 180. Ver também p. 42).

Concluindo, devo acrescentar que, talvez, o ponto mais destoante do livro seja a falta de uma exegese contundente que possa demonstrar o amparo de cada interpretação (por exemplo: Rm 15.18,19; 2 Co 12.12), como faz, por exemplo, dentro de outra perspectiva, o já aludido Bruner. No entanto, o livro deve ser estudado com vagar, sendo uma obra séria de alguém comprometido com uma compreensão correta das Escrituras, e que o faz com um desejo de contribuir para a edificação do povo de Deus.

Mesmo não concordando com todas as suas teses e as achando por vezes tímidas, creio que o seu objetivo de promover uma maior compreensão cristã pode ser alcançado em todos aqueles que estudarem este manual tão rico e precioso. Este livro parece-me mais adequado a pastores e seminaristas. Para o público evangélico em geral, ainda considero melhor a obra de McArthur (*Os Carismáticos*). Contudo, permanece o fato de que, se o autor não é proprietário da verdade, o resenhista também não o é. Boa (e séria) leitura.

— Hermisten M. P. da Costa